



# PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO

Cultivando um mundo onde todos podem *VenSer* juntos

Fábio Otuzi Brotto

Versão 4.4<sup>1</sup> - 15/03/16

## COMEÇAR JUNTOS – uma breve *apresentação*<sup>2</sup>.

O propósito deste ensaio é compartilhar a abordagem da Pedagogia da Cooperação como um conjunto de conhecimentos e práticas orientado para a promoção da Cultura da Cooperação e o desenvolvimento de *Comum-Unidades Colaborativas* em diferentes ambientes: empresas, escolas, governos, comunidades, ongs, famílias e nas relações sociais.

Essa abordagem é fruto da jornada empreendida pelo [Projeto Cooperação](#) e está sendo criada pela colaboração de diferentes inspiradores e experimentadores atuando no Brasil e no mundo.

É importante destacar que o **propósito essencial** da Pedagogia da Cooperação é criar ambientes colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade possa *VenSer*<sup>3</sup> plenamente quem *É* para poder *SerVir* mais completamente ao bem comum.

Inúmeros resultados podem derivar da utilização deste *Design Colaborativo*, tais como, a solução de problemas complexos, transformação de conflitos interpessoais, superação de metas de produtividade e a realização de objetivos comuns.

Em resumo, mesmo em uma sociedade ainda tão marcada pela lógica competitiva e que insiste em naturalizar a competição, a relevância de uma abordagem como esta, está no fato de

<sup>1</sup> Texto preliminar preparado para servir como base de estudo na Pós-graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas.

<sup>2</sup> A divisão das palavras é um recurso utilizado com o objetivo de chamar atenção para uma *resignifica-ção* de sentido/significado da *acomoda-ção* gerada pela *repete-ção* sem a plena atenção dada à *palavra-ação*. Durante o texto, essa *provoca-ção* será recorrente.

<sup>3</sup> TÁVOLA, Arthur da - Isso de Ganhar, in Comunicação é Mito: televisão em leitura crítica, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 275-279. Aqui, utilizamos o termo *VenSer* para indicar como propósito da Pedagogia da Cooperação a busca pelo vir-a-ser quem se é, o mais plena e autenticamente possível.



poder ser uma contribuição para o desenvolvimento de um mundo possível para todos sem exceção, porque:

- Amplia a visão de mundo sob uma perspectiva transdisciplinar, sistêmica, orgânica, sustentável e complexa, inspirando a construção de pontes entre todas as fronteiras do conhecimento e experiência.
- Restaura a dimensão do humano nas relações sociais e profissionais.
- Aprofunda a compreensão sobre o conceito e dinâmica da Competição e Cooperação como processos de interação social e fenômenos culturais.
- Organiza e sistematiza uma abordagem que favorece o despertar do que é mais genuíno nas pessoas, grupos, comunidades e organizações. Em outras palavras, inspira o desenvolvimento do “melhor” em cada um, ao invés do “ser melhor” que todos os outros.
- Encoraja nossa atuação colaborativa no cotidiano e contribui para a geração do bem-estar comum.

Para a *co-criação* deste novo mundo é preciso assumirmos coletivamente um novo desafio: aprender a Cooperar para *VenSer* juntos!

## 1. PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO: Para um Mundo onde todos podem *VenSer ... Juntos!*

Quando falamos em Pedagogia da Cooperação, estamos imaginando um caminho de *Ensinagem Compartilhada*, onde cada pessoa é considerada um mestre-aprendiz *com-vivendo* a descoberta de si mesma e de sua *comum-unicidade* com os outros.

A *Pedagogia da Cooperação* pode ser percebida como um conjunto de sinais, indicadores, pistas e dicas, disponíveis para orientar a caminhada daqueles que se aventuram pelas trilhas da Cooperação rumo ao centro de seu *Core-Ação*.

É uma pedagogia viva, acontecendo em diferentes *Momentos* e em muitos *Movimentos*, sendo organicamente articulada com os passos e *com-passos* dados ao longo do caminhar. É uma jornada de realização exterior para promover a transformação interior da pessoa e do grupo.



Como um mapa de viagem que se renova dinâmica e caordicamente, a Pedagogia da Cooperação é *co-realizada* a partir de 4 **Momentos Transdisciplinares**<sup>4</sup> (Fig. 1).

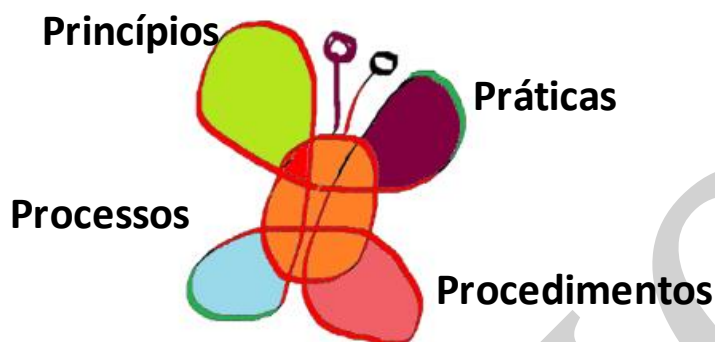


Figura 1 – Pedagogia da Cooperação: Quatro Momentos.

A partir destes 4 *Momentos da Pedagogia da Cooperação*, nos movimentamos por um conjunto de conhecimentos e experiências colaborativas organizados em dois tipos de referencial:

- **Referencial teórico:** Princípios e Procedimentos da Pedagogia da Cooperação.
- **Referencial prático:** Processos Facilitadores da Cooperação e as 07 Práticas da Pedagogia da Cooperação.

## 2. PRINCÍPIOS da Pedagogia da Cooperação.

Iniciando esta caminhada pelas trilhas da *Pedagogia da Cooperação*, é bom começar verificando o que está na “mochila”: experiências, expectativas, crenças, sentimentos, projetos, tramas, traumas... uma bagagem completa, reunindo o passado e o futuro, para assegurar o presente.

Ao imaginar uma Pedagogia da Cooperação, logo pensa-se sobre uma Filosofia da Cooperação: princípios, valores, visão de mundo, perspectivas sobre a *co-existência* humana como bagagem essencial para uma boa jornada.

<sup>4</sup>Sobre Transdisciplinaridade consultar na Bibliografia: D’AMBRRÓSIO, Ubiratan -Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1998. E também, NICOLESCU, Basareb. - O manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.



Nessa direção e visando dar apoio teórico e conceitual para a aplicação de atividades complementares dirigidas à promoção da integração, cooperação e autonomia nas intervenções com as comunidades rurais, indígenas e escolas, a seguir serão apresentados os 4 Princípios da Pedagogia da Cooperação: *Co-existência*; *Com-vivência*; *Cooperação*; e *Comum-Unidade*.

## **1º Princípio: CO-EXISTÊNCIA.**

Atualmente, é cada vez mais fácil perceber o quanto se está interdependentemente ligado a tudo e a todos, você concorda? E não apenas ligados aos outros que são-estão próximos, mas se está intimamente conectado com pessoas, situações, lugares e acontecimentos, aparentemente muito distantes e sem relação direta com nossa vida. Compreender que estamos Todos Juntos num mesmo e Grande Jogo-Vida e que seja lá o que alguém pensa, sente, faz ou não faz afeta todos os outros e é afetado por todo mundo, sem exceção, é condição fundamental para avançar neste processo de aprimoramento da Coexistência Humana.

Esta conscientização da Interdependência como uma característica baseada em fatos de nossa existência, pode ajudar a perceber o quanto de Cooperação é necessário resgatar para dar conta das questões que se vive neste momento, quer sejam na sala de aula, no local de trabalho, no bairro onde se mora, no país em que se vive, no planeta que se habita ou no universo onde *co-existimos*.

Desde o “apagão” em escala nacional, até os “trovões” da guerra no estrangeiro; da poluição dos carros à corrupção dos cargos; do barulho na sala de aula ao silêncio desejado da hora do intervalo; da falta de água aos excessos da liquidez econômica; da violência dentro de casa à busca de Paz mundial; somos tocados diretamente por tudo que ocorre na vida de todo mundo, em todo e qualquer lugar e tempo. **Todos *inter-somos* na *co-existência* cotidiana!**

Porém, nem sempre se tem consciência dessa Interdependência tão à flor da pele, por isso da importância de dedicar boa parte do que se faz na escola, no trabalho, na comunidade e na família, para a recuperação da consciência dessa inteireza, integralidade e *re-conexão*.

Saber-se Interdependente é antes de tudo, renovar a visão que se tem sobre as diferentes relações que são estabelecidas com os outros. É exercitar o olhar, com vistas a outras óticas e assim, renovar a Ética de *Comum-Unidade* no cotidiano.



## 2º Princípio: *COM-VIVÊNCIA*.

Quando não se *re-conhece* o outro, não há estímulos para uma boa *com-vivência*.

Se me permito ver o outro, conhecendo seus sonhos, entendendo suas dificuldades, posso melhor conviver com ele e aceitar suas diferenças, inclusive aprender com elas. E este “*re-conhecer* o outro” pode se dar apenas por um olhar de igual para igual: eu e você somos seres humanos e cada um dentro de sua existência percorre seu caminho do seu jeito, no seu tempo, passando ou não por dificuldades semelhantes à minha, sonhando...

Se você não tiver filhos, experimente dar a mão a uma criança pequena e caminhe com ela, do jeito como ela faz e no ritmo que ela propor. Talvez ache muito devagar, ou se ela decidir correr, muito rápido! E se pensar enquanto caminha: a pequena tem pernas bem menores que a minha ou então, ela quer brincar e correr de mãos dadas significa brincar comigo... Este é um exemplo simples que pode demonstrar que às vezes por não *re-conhecer* o outro, não sabemos como conviver com ele.

Somos por inteiro e não um “eu profissional” uma hora e na outra, “eu pessoal”. Num ambiente de trabalho, a convivência pode se tornar difícil se não percebemos que um de nós pode estar passando por dificuldades em casa e por isso seu desempenho ou humor não está legal. Se conhecermos um pouco melhor o outro, podemos entendê-lo, ajudá-lo e conviver pacificamente, sendo quem se É.

Sabe-se que muito tem sido transformado para facilitar a convivência entre os diferentes. Contudo, o destaque que se propõe aqui é para a inclusão, não apenas das pessoas com “deficiências”, mas em um contexto mais amplo, propõe-se a **inclusão das pessoas com ideias, sentimentos, visões, sensações, atitudes, comportamentos, valores e relações...** diferentes daquelas que se pressupõe ser a melhor ou a mais correta.

Criar um ambiente de *Inclusividade* é possibilitar a *com-vivência* de todos e todas que *QUEIRAM* (incluindo aqueles que não queiram) fazer parte do Jogo de Aprender a *VenSer quem se É*.

Seja como for, olhando pela janela da *Inclusividade* é possível ver que todos e todas estão sendo partes de uma mesma *Comum-Unidade*, cada um (a) a seu jeito, no seu próprio tempo e exatamente por isso, são acolhidos e acolhidas integralmente.

O desafio enquanto Pedagogos da Cooperação é *re-criar* a todo instante as (im) possibilidades educativas para estimular o envolvimento de todos e todas que, por alguma razão-



sentimento-sensação-decepção, imaginam que o *Não-Querer* é igual ao *Não-Poder* e por aí, imaginando que *Não-Podem*, dizem que *Não-Querem*.

Saber-se uma pessoa importante e valiosa por ser exatamente quem se *É* e, ao mesmo tempo, reconhecer que cada uma de todas as outras pessoas é tão importante e valiosa como eu sou, constitui a pedra filosofal desta Pedagogia da Cooperação.

Daí, a busca constante de processos e procedimentos para desenvolver competências capazes de ajudar a manter uma mente-inclusiva como um princípio ativo e para poder acolher as diferenças **no** outro e **no** mundo, como reflexos da gente mesmo.

### **3º Princípio: COOPERAÇÃO.**

O desenvolvimento da Cooperação como um exercício de corresponsabilidade para o aprimoramento das relações humanas em todas as suas dimensões e nos mais diversificados contextos, deixou de ser apenas uma tendência, passou a ser uma necessidade e em muitos casos, já é um fato consumado<sup>5</sup>. Porém, não é definitivo.

É preciso nutrir e sustentar permanentemente o processo de integração da Cooperação no cotidiano pessoal, comunitário e planetário, reconhecendo-a como um “estilo de vida”, uma conduta ética vital, que esteve consciente ou inconscientemente presente ao longo da história de nossa civilização.

Contrariando o mito da competição como forma de garantir a sobrevivência e a evolução humana, existe um conjunto amplo de evidências indicando que os povos pré-históricos “*que viviam juntos, colhendo frutas e caçando, caracterizavam-se pelo mínimo de destrutividade e o máximo de cooperação e partilha dos seus bens*”<sup>6</sup>.

Ainda hoje, culturas cooperativas podem ser encontradas em várias sociedades ancestrais existentes no planeta. Isto pode indicar uma boa reflexão sobre a natureza competitiva do ser humano, pois se essa ideia fosse totalmente verdadeira, seria lógico encontrar nas comunidades ancestrais (representantes da porção mais natural da nossa espécie), traços de uma cultura predominantemente competitiva. Diferentemente disso, tem-se descoberto indícios de uma

<sup>5</sup> HENDERSON, Hazel. Construindo um mundo onde todos ganhem: a vida depois da guerra da economia global. São Paulo : Cultrix, 1996.

<sup>6</sup> ORLICK, Terry. Vencendo a Competição. São Paulo : Ed. Círculo do Livro, 1989, p. 17.



Cooperação quase que genética, como um ingrediente imprescindível para o surgimento e a evolução da Vida.

Erich Fromm<sup>7</sup> analisou trinta culturas primitivas e as classificou com base na agressividade-competitiva e no pacifismo-cooperativo. Ora, se existem sociedades humanas pacíficas e cooperativas, e outras agressivas e competitivas, pode-se inferir que, se há uma natureza humana possível de ser afirmada, esta seria uma **natureza de possibilidades**. Isto é, pode-se escolher o que se quer Ser como pessoa e sociedade.

Diante desse contexto, somos socializados e socializamos os outros para a Cooperação e Competição através da educação, da cultura, do esporte e da informação. Portanto, tornar a sociedade Solidário-Cooperativa ou Solitário-Competitiva é uma ação política, isto é, uma arte pessoal e coletiva capaz de realizar o melhor possível para todos.

Terry Orlick, professor da Universidade de Ottawa (Canadá) um dos precursores em Jogos Cooperativos no mundo, oferece uma visão ampliada sobre a dinâmica de Competição e Cooperação, considerando-a como um espectro de atitudes humanas que variam e se movimentam de acordo com a motivação presente em cada situação (Fig. 2).

COMPORTAMENTO	ORIENTAÇÃO	MOTIVAÇÃO PRINCIPAL
<b>Rivalidade competitiva</b>	Anti-Humanista	Dominar o outro. Impedir que os outros alcancem seu objetivo. Satisfação em humilhar o outro e assegurar que não atinja seus objetivos.
<b>Disputa competitiva</b>	Dirigida para um objetivo (contra os outros)	A competição contra os outros é um meio de atingir um objetivo mutuamente desejável, como ser o mais veloz ou o melhor. O objetivo é de importância primordial e o bem-estar dos outros competidores é secundário. A competição é, às vezes, orientada para a desvalorização dos outros.
<b>Individualismo</b>	Em direção ao ego	Perseguir um objetivo individual. Ter êxito. Dar o melhor de si. O foco está em realizações e desenvolvimentos pessoais ou o aperfeiçoamento pessoal, sem referência competitiva ou cooperativa a outros.
<b>Competição cooperativa</b>	Em direção ao objetivo (levando em conta os outros)	O meio para se atingir um objetivo pessoal, que não seja mutuamente exclusivo, nem uma tentativa de desvalorizar ou destruir os outros. O bem-estar dos competidores é sempre mais importante do que o objetivo extrínseco pelo qual se compete.

<sup>7</sup> FROMM, Erich. A anatomia da destrutividade humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.





<b>Cooperação não competitiva</b>	Em direção ao objetivo (levando em conta os outros)	Alcançar um objetivo que necessita de trabalho conjunto e partilha. A cooperação com os outros é um meio para se alcançar um objetivo mutuamente desejado, e que também é compartilhado.
<b>Auxílio cooperativo</b>	Humanista-altruísta	Ajudar os outros a atingir seu objetivo. A cooperação e a ajuda são um fim em si mesmo, em vez de um meio para se atingir um fim. Satisfação em ajudar outras pessoas a alcançar seus objetivos

Figura 2 - Tabela sequencial de Competição e Cooperação. <sup>8</sup>

Fortalecendo estas ideias, de acordo com Humberto Maturana<sup>9</sup>, os seres humanos não são apenas animais políticos, mas, sobretudo *“animais cooperativos”*. Para ele, a cooperação é central na maneira humana de viver, como uma característica de vida cotidiana fundamentada na confiança e no respeito mútuo.

Isto talvez ajude a entender um pouco melhor as dificuldades apresentadas por indivíduos e grupos que se dispõem a cooperar. Partindo-se do entendimento que confiança é algo a ser construído e permanentemente nutrido, confiar é estabelecer um pacto de cumplicidade e de uma certa maneira, entregar o destino da própria vida nas mãos uns dos outros.

Durante muito tempo o ser humano foi educado / treinado e preparado para não mostrar-se/revelar-se aberta e autenticamente ao outro. Ele aprendeu a dissimular, não se expor como realmente se é, sob o risco de ao fazê-lo, revelar *“fraquezas”* e então permitir ser atacado e derrotado pelos *“temíveis adversários”*, os outros seres humanos.

Para promover a mudança necessária, pode-se criar espaços para uma nova maneira de olhar uns aos outros e a si mesmo, para então, alterar a maneira de *com-viver* por meio do aprimoramento das habilidades de fazer *com-tato* e de *co-operar* consigo mesmo; com o outro; com o Inteiro-Ambiente; e com toda a Comum-Unidade Humana.

Uma vez, após um jogo cooperativo chamado *“Travessia”* (Brotto, 2001) que, não intencionalmente, foi realizado com um grupo que mora numa cidade que tinha passado uma inundação havia 2 semanas, um dos participantes disse: *“durante este jogo eu me lembrei da enchente.” E por que? “Sim, porque quando a gente estava passando por dificuldades, perdendo tudo,*

<sup>8</sup> Terry Orlick – Vencendo a Competição. Editora Círculo do Livro, 1989.

<sup>9</sup> MATURANA, Humberto R. Emociones y lenguaje en educacion y politica. Santiago: Hachete, 1990.





*quase a vida inclusive, outras pessoas que a gente nem conhecia nos ajudaram.*” Neste caso tomou-se consciência da realidade a partir de um jogo cooperativo, possibilitando ver no outro o sentimento e a ação baseada na cooperação.

Cooperação, confiança e respeito mútuo parecem ser um dos alicerces principais para a *co-evolução* humana. Para isso, precisamos reaprendê-los, desenvolvendo o interesse pelo bem comum e o compromisso com o florescimento de uma *Comum-Unidade Humana Real* (nem ideal, nem normal) exercitada e cultivada no cotidiano.

#### 4º Princípio: COMUM-UNIDADE.

Considerando a *Co-Existência* como um fato da vida, a *Com-Vivência* como uma condição social e a *Cooperação* como uma prática diária, pode-se imaginar a *Comum-Unidade* como o ambiente adequado para cultivar o *Espírito de Grupo*, ou como disse Malidoma Some, desenvolver o “Instinto de Comunidade”<sup>10</sup>.

Alguns dos estudos, pesquisas e trabalhos a respeito do desenvolvimento da cultura humana realizados atualmente no mundo, estão focalizando a redescoberta do sentido e significado do viver a comunidade em todos os lugares: na escola, no trabalho, na rua, em casa... consigo mesmo, com o outro e com todo mundo, afinal, *estamos usando o instinto de comunidade para nos isolar e proteger uns dos outros, em vez de criarmos uma cultura global de comunidades diversas e entrelaçadas*<sup>11</sup>

Muito de nós sente como é forte o impulso para agregar-se a outros, para se aproximar e constituir grupos, times, famílias e turmas. Ao mesmo tempo, sabe quão desafiador é criar boas condições para a sustentabilidade dessas pequenas e complexas *Comum-Unidades* que são criadas ao nosso redor. Esse paradoxo ocorre porque *toda vida se configura como seres individuais que imediatamente se lançam a criar sistemas de relacionamentos. Esses indivíduos e*

<sup>10</sup> MALIDOMA SOME, escritor e professor da África Ocidental apud WHEATLEY, M. e KELLNER-ROGERS, M. - O Paradoxo e a promessa de comunidade IN Hesselbein, F. et al. - A Comunidade do Futuro: ideias para uma nova comunidade. São Paulo : Futura, 1998. (p. 21)

<sup>11</sup> WHEATLEY, M. e KELLNER-ROGERS, M. - O Paradoxo e a promessa de comunidade IN Hesselbein, F. et al. - A Comunidade do Futuro: ideias para uma nova comunidade. São Paulo : Futura, 1998. (p. 21).



sistemas surgem de duas forças aparentemente conflitantes: 1ª) A necessidade absoluta de liberdade individual. 2ª) A inequívoca necessidade de relacionamentos.<sup>12</sup>

Em outras palavras, a questão poderia ser colocada assim: Como SER e FAZER JUNTOS algo que, sozinho, ninguém seria capaz de ser-e-fazer tão bem e tão plenamente, como se fosse e-fizesse em cooperação COM outro, num ambiente de *Comum-Unidade*?

Estudos clássicos sobre a psicologia dos grupos tais como os de Morton Deutsch na década de 60, têm abordado as diferentes experiências vividas em situações de competição e cooperação, demonstrando experimentalmente os efeitos de uma e de outra nos processos grupais e na dinâmica pessoal (Fig. 3).

SITUAÇÃO COOPERATIVA	SITUAÇÃO COMPETITIVA
Percebem que o atingir de seus objetivos é, em parte, consequência da ação dos outros membros.	Percebem que o atingir de seus objetivos é incompatível com a obtenção dos objetivos dos demais.
São mais sensíveis às solicitações dos outros.	São menos sensíveis às solicitações dos outros.
Ajudam-se mutuamente com frequência.	Ajudam-se mutuamente com menor frequência.
Há maior homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.	Há menor homogeneidade na quantidade de contribuições e participações.
A produtividade em termos qualitativos é maior.	A produtividade em termos qualitativos é menor.
A especialização de atividades é maior.	A especialização de atividade é menor.

Figura 3 - Situação Cooperativa e Situação Competitiva.<sup>13</sup>

De muitas maneiras, é notável a complexidade dessa dinâmica cooperação-e-competição na vida em *Comum-Unidade*. O ser humano está quase o tempo todo diante de situações nas quais é convidado a descobrir um “terceiro” jeito de resolver o problema, alcançar a meta, harmonizar o conflito... enfim, de pensar e propor uma jogada onde todos ganhem e ninguém precise perder. Este pode ser um belíssimo Desafio Cooperativo para se realizar em conjunto!

O anseio por viver em *Comum-Unidade* é há muito tempo sonhado, contudo, é um caminho ainda incerto e repleto de surpresas!

<sup>12</sup> WHEATLEY, M. e KELLNER-ROGERS, M. - O Paradoxo e a promessa de comunidade IN Hesselbein, F. et al. - A Comunidade do Futuro: ideias para uma nova comunidade. São Paulo : Futura, 1998. (p. 22).

<sup>13</sup> Morton Deutsch, apud RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis : Vozes, 1972. (p.149). (Modificado por Broto, 1997).



Nesse sentido, vale a pena lembrar que *em comunidades humanas, as condições de liberdade e de união são mantidas vibrantes, concentrando-se no que acontece no coração da comunidade e não se fixando nas formas e estruturas da mesma.*<sup>14</sup>

É muito provável, que ao longo deste caminhar rumo a uma ampliação e refinamento do sentido de *Comum-Unidade Humana*, haja alguns tropeços, alguns desvios, um certo cansaço, baixas e altas temperaturas, ou a moral da turma pode cair. Sim, tudo isto é provável, bem provável! Por isso mesmo, é necessário saber cuidar do que está no CENTRO de todo e qualquer grupo: a liberdade para ser quem se é e ao mesmo tempo cooperar para o bem comum.

Para Margaret Wheatley e Myron Kellner-Rogers (1998) existem 03 perguntas vitais para ajudar a manter uma vivo o sentido de *Comum-Unidade*:

- O que nos reuniu?
- O que esperamos produzir unindo-nos com outros?
- O que acreditamos ser possível em conjunto que não é possível isoladamente?

Estas são um tipo de pergunta que não pode ser respondida por uma pessoa. Não é uma pergunta que tenha uma única resposta certa. Para esses autores

*quando não respondemos a essas perguntas como uma comunidade, quando não há consenso sobre a razão por que estamos reunidos, as instituições que criamos para nos servir tornam-se campos de batalha que não servem a ninguém. (...) Sem estarmos de acordo sobre o motivo para estarmos reunidos, nunca podemos desenvolver instituições que façam qualquer sentido: nosso instinto de comunidade nos leva a uma comunidade 'minha', e não a uma comunidade 'nossa'.<sup>15</sup>*

Compartilhar cotidianamente sobre a articulação de nossas intenções, atitudes e comportamentos no ambiente da *Comum-Unidade* que se sonha realizar, pode ser um hábito simples e maravilhoso, suficientemente poderoso, não para mudar o mundo, mas para torná-lo mais transparente, acessível, compreensível, sensível... e possível para todos, sem exceção!!!

Criar, desenvolver e sustentar *Comum-Unidades* é um cultivar cotidiano de novas maneiras de *Ser e de Se Fazer* no mundo: pode ser leve, apesar de frequente; bem humorado

<sup>14</sup> WHEATLEY, M. e KELLNER-ROGERS, M. - O Paradoxo e a promessa de comunidade IN Hesselbein, F. et al. - A Comunidade do Futuro: ideias para uma nova comunidade. São Paulo : Futura, 1998. (p. 26)

<sup>15</sup> WHEATLEY, M. e KELLNER-ROGERS, M. - O Paradoxo e a promessa de comunidade IN Hesselbein, F. et al. - A Comunidade do Futuro: ideias para uma nova comunidade. São Paulo : Futura, 1998. (p. 28-29).



mesmo que profundo; livre e altamente comprometido; um passo-a-passo gradual e pronto para grandes saltos; aberto para abraçar o novo e muito focado no essencial; pode ser ou não, mas será ou não, COM todos em cooperação!

### 3. PROCESSOS da Pedagogia da Cooperação.

Há muito tempo, a humanidade vem desenvolvendo estratégias colaborativas para favorecer sua própria evolução e a do meio em que vive. É como se tivéssemos um “instinto de cooperação”<sup>16</sup> que vem se aperfeiçoando desde os humanos primitivos que viviam nas savanas africanas, até os humanos civilizados vivendo na aldeia planetária da atualidade.

Muitos desses *Processos* estão sendo sistematizados com uma nova linguagem/abordagem pedagógica, combinando a sabedoria de toda nossa ancestralidade, com os recursos de nossa modernidade, imaginando desvendar um caminho que nos guie em direção à contínua e infinita *eterna-idade* do presente, tais como: Jogos Cooperativos (anexo 1), Danças Circulares (anexo 2), Diálogo (anexo 3), Comunicação Não-Violenta, World Café (anexo 4), Open Space, Dragon Dreaming, Investigação Apreciativa, Práticas Meditativas, Processos Circulares, Oásis, *MusiCooperação* e Aprendizagem Cooperativa.

Considerando o escopo deste ensaio, incentivo você acessar informações sobre estas e outras Metodologias Colaborativas por meio dos sites recomendados na bibliografia e em outras fontes primárias. E mais do que isto, recomendo a participação em cursos e formações amplamente oferecidos aqui no Brasil.

### 4. PROCEDIMENTOS da Pedagogia da Cooperação.

Que tal uma pequena revisão do que já foi compartilhado até aqui? Isso ajudará seguir adiante nesta leitura-diálogo de um modo bem alinhado e em sinergia. E aí, o que você lembra? Fique à vontade, visite sua memória e encontre o que mais está presente nela de tudo o que foi tratado até este ponto... sem pressa, nem pressão.

---

<sup>16</sup> ROBERT WINSTON é autor do livro “Instinto humano: como nossos impulsos primitivos moldaram o que somos hoje” (ver na bibliografia).



Conferindo, vimos que a abordagem da *Pedagogia da Cooperação* tem como *Propósito* promover o *VenSer Juntos*, isto é, contribuir para que cada pessoa possa vir-a-ser cada vez mais quem é plenamente e ao mesmo tempo, colaborar para que todas as demais assim o sejam também.

Essa Pedagogia se baseia em 04 *Princípios*. Quais são eles? *Co-existência, Com-Vivência, Cooperação e Comum-Unidade*.

Para que esses princípios sejam praticados no cotidiano, a Pedagogia da Cooperação propõe a utilização de alguns *Processos* (Metodologias Colaborativas).

Estamos juntos até aqui? Ótimo!

Agora, o próximo passo será conhecer alguns dos *Procedimentos* (Fig. 4) que podem servir como base para a utilização desses *Processos*, visando promover a Cultura da Cooperação e o desenvolvimento de *Comum-Unidades Colaborativas* em diferentes lugares e situações.

Mais do que indicar “o que” fazer, estes *Procedimentos* sugerem “um jeito/forma” de fazer. O “como fazer”!

Para isso, sugere-se incluir, gradualmente e progressivamente, no desenvolvimento das intervenções que venham ocorrer em diferentes ambientes, os *Procedimentos* indicados a seguir:

PROCEDIMENTO	DESCRIÇÃO	UTILIZAÇÃO
Círculo e o Centro	<ul style="list-style-type: none"><li>Quando formamos um Círculo recuperamos o sentido de Comum-Unidade, pois na roda todos são vistos como iguais; todos se vêem e são vistos por todos; não há quem está acima, nem abaixo; todos estão <i>no Círculo</i>, nem dentro, nem fora.</li><li>Ao compor um <i>Círculo</i>, reconhecemos a existência de um <i>Centro</i>, de algo que está <i>entre-nós</i>, que é comum a todos e todas, sem exceção. Nele está aquilo que é essencial para o grupo... é o <i>fogo</i> que precisa ser mantido vivo no centro da roda. E por ser assim, é cuidado por cada um e cada uma... todo o tempo.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>→ Sempre que possível trabalhar em Círculo para começar e terminar a atividade.</li><li>→ Criar um Centro para marcar o ponto central do Círculo. Utilizar algo bem familiar e simbólico ao Grupo que está reunido.</li><li>→ Uma boa dica é algo que o próprio grupo apresente como sugestão, ou por ex. sementes/flores/frutos para simbolizar a vida na comunidade rural.</li><li>→ Sendo adequado, definir um “Guardião do Centro” que deverá cuidar dele durante a atividade. Revezar o Guardião e permitir que ele crie o Centro. Isso traz autonomia e corresponsabilidade.</li></ul>
<i>Ensinagem Cooperativa</i> <sup>17</sup>	<ul style="list-style-type: none"><li><b>Convivência:</b> Tem na vivência e na prática compartilhada o contexto fundamental para a aprendizagem. É preciso experimentar para</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>→ Pode-se ensinar-e-aprender a jogar, jogando. Oferecer condições para que pessoas de todas as idades</li></ul>

<sup>17</sup> Ensinagem” representa a síntese entre o ensino e a aprendizagem, onde um co-existe com o outro. Esse termo foi criado pela Profa. Dra. Neyde Marques, da UFBA e do Centro de Desenvolvimento Humano.



	<p>poder re-conhecer a si mesmo e aos outros.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Consciência:</b> Cria um clima de introspecção e auto-observação, incentivando os participantes a refletir sobre a própria prática e convivência durante a atividade. Sugere perceber as possibilidades de modificar comportamentos, relacionamentos e até a própria atividade, na perspectiva de melhorar a participação, o prazer e a aprendizagem de todas.</li><li>• <b>CompartilhEssência:</b> Favorece o diálogo, a troca, a comum-única-ação para compartilhar a sacada, o insight, a descoberta, o “me dei conta”, aquele “ahá!”, como inspirações para a transformação pessoal e coletiva.</li><li>• <b>Transcendência:</b> Ajuda a sustentar a disposição para experimentar as possibilidades de mudança aplicadas em situações do cotidiano pessoal e coletivo. Só aprendemos quando mudamos o comportamento, quando fazemos diferente o que fazíamos antes de receber a lição e sacar o ensinamento.</li></ul>	<p>experimentem o Jogo, para depois, refletir sobre ele, compartilhar os aprendizados e a se encorajar para praticar a mudança.</p> <p>→ O jogo pelo jogo, a prática pela prática e o fazer pelo fazer... tendem a reproduzir e manter. Por isso é importante oferecer oportunidades para o aprender a partir do Jogo, da prática, do fazer... juntos!</p> <p>→ Estimular a participação nas Rodas de Diálogo (veja abaixo) após cada experiência.</p>
<p>Do + simples para o + complexo</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• De um certo modo, toda evolução ocorre de dentro para fora, do pequeno para o maior, do mais próximo para o mais distante, do indivíduo para a sociedade... do mais simples para o mais complexo.</li><li>• Assim, aprendemos a correr, aprendendo a andar; aprendemos a escrever, aprendendo a falar... aprendemos a cooperar, praticando a Cooperação em diferentes níveis: pessoal, interpessoal, grupal e Comum-Unitário.</li></ul>	<p>→ Inicialmente, oferecer atividades que favoreçam a autoestima a autonomia e a integração com colegas e amigos mais próximos (exemplo: Eco-Nome – Anexo 01).</p> <p>→ Gradativamente, inserir Jogos e Atividades mais complexas que necessitem da Integração e Cooperação com um grupo maior. (exemplo: Volei Infinito – Anexo 01)</p> <p>→ Após esses estágios, pode-se desafiar os participantes a ampliar suas Habilidades de Relacionamento para participar de Jogos onde a necessidade de Integração e Cooperação envolva todas as pessoas e equipes (exemplo: Dança das Cadeiras Cooperativas – Anexo 01).</p>
<p>Ser Mestre-e-Aprendiz</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Focalizar um processo de Cooperação é ser como a luz acendida no quarto escuro. É apenas ajudar a iluminar a situação para que cada pessoa/grupo/organização descubra seu próprio caminho, dê seus próprios passos e siga na direção de sua própria transformação... e que além disso, se mantenha aberto em colaborar com aqueles outros que estão, assim como ele mesmo, no infinito caminho de seu eterno reencontro.</li><li>• Enquanto Pedagogos e Pedagogas da Cooperação, nossa tarefa é criar e manter um ambiente de <i>Co-Educação</i>, sempre nos sabendo</li></ul>	<p>→ Incentivar a criação de Novos Jogos e novos jeitos de jogar os mesmos jogos.</p> <p>→ Valorizar sugestões sobre como solucionar problemas, harmonizar conflitos e realizar metas de jeitos diferentes e inovadores.</p> <p>→ Manter-se aberto para aprender com os próprios erros. Esse é um ótimo exemplo de humildade e de abertura para aprender sempre.</p> <p>→ Arriscar ser mais Aprendiz do que Mestre. Experimentar criar o dia do</p>



	Mestres-Aprendizes da Cooperação, contribuindo para o desabrochar da Consciência de Cooperação em cada pessoa, em cada grupo, em cada instituição e em toda a Comum-Unidade Humana.	<i>Professor Invertido</i> , onde alguns alunos se corresponsabilizam para que o Mestre vire Aprendiz.
<b>Começar e terminar juntos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Nem sempre conseguimos realizar um processo de Cooperação mais robusto, que apareça muito... mas, começar e terminar com todos juntos, é tão simples de fazer que cabe em qualquer lugar, situação e grupo.</li><li>• Dá aquela sensação da gente fazer parte de um time que se mantém firme diante dos maiores desafios e celebra juntos cada pequena conquista.</li><li>• Tem, também, aquela fidelidade a toda prova... a dos pactos de “sangue”, de mano-pra-mano... coisas de uma cumplicidade deliciosa!!!</li><li>• Aconteça o que acontecer, começamos e terminamos juntos!!!</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>→ Começar e terminar a atividade reunindo todo mundo no Círculo, em torno do Centro.</li><li>→ Pode ser através de uma história contada, de uma dança dançada, de um jogo jogado, um sinal combinado e até por um silêncio compartilhado.</li><li>→ Ritualizar esses 02 momentos. Com o passar do tempo, provocar a Turma para criar o seu próprio jeito de reunir para começar e terminar juntos.</li></ul>

Fig. 4 – Procedimentos da Pedagogia da Cooperação

Este conjunto de *Procedimentos* pode ser tomado como inspiração didático-pedagógica para fomentar a integração e a cooperação durante as intervenções com as comunidades rurais/indígenas e escolas.

## 5. PRÁTICAS da Pedagogia da Cooperação.

De um modo geral, a cooperação nos grupos se desenvolve em estágios, etapas, fases ou momentos interdependentes. Após reconhecer alguns dos *Procedimentos* que podem facilitar a promoção da Cooperação, apresentamos agora as **07 Práticas** da Pedagogia da Cooperação (Fig. 5) indicadas para que os participantes vivenciem o Ser-e-Estar em grupo de uma maneira integral e integrada.

Contudo, antes de entrar em campo para praticar a cooperação é necessário verificar se cada pessoa e o grupo como um todo está apto para isso. Nesse ponto, é preciso verificar se todos estão





conscientes da importância do exercício permanente das **4 Pequenas Virtudes**: Desapego, Integridade, Plena Atenção e Abertura para Compartilhar<sup>18</sup>.

PRÁTICA	OBJETIVO	TIPO DE ATIVIDADE	ORIENTAÇÃO
<b>Fazer COM-TATO (Conectar)</b>	<p>Promover o contato, aproximação e integração. Reunir a turma para começar juntos. Ser um ponto de partida acolhedor, atraente e que desperte a curiosidade e a vontade de continuar jogando junto.</p> <p><b>Pergunta inspiradora:</b> Quem somos nós quando nos unimos uns aos outros?</p>	<p>Simple e de curta duração. Leves e descontraídas. Atividades que sejam possíveis para toda a turma, sem exceções. Contato físico moderado e ao mesmo tempo, valorizado. Incentivadoras de com-versa-ções descontraídas e aproximadoras.</p> <p><b>Metodologias Colaborativas indicadas:</b> Jogos Cooperativos, Danças Circulares e Diálogo.</p>	<p>→ Manter um ambiente de acolhimento e valorização das diferenças.</p> <p>→ Evitar comparações do tipo: vamos ver quem faz melhor/mais rápido, etc.</p> <p>→ Utilizar poucos recursos materiais e focar mais na interação pessoal como recurso essencial.</p>
<b>Estabelecer COM-TRATO (Cuidar)</b>	<p>Estabelecer <i>Acordos de Cooperação e de Com-Vivência</i> para que cada pessoa e todo o grupo tenha conhecimento dos cuidados necessários para promover e sustentar o uma sensação de bem-estar pessoal e coletivo.</p> <p><b>Pergunta inspirada:</b> Quais são os cuidados que precisamos ter para conviver bem aqui, durante o tempo que estivermos reunidos?</p>	<p>Inclusivas e descontraídas. Atividades que estimulem o compartilhar, a comunicação genuína, o diálogo aberto e empático, onde todos os “pedidos” são bem-vindos e aceitos sem julgamento.</p> <p><b>Metodologias Colaborativas indicadas:</b> Diálogo, Aprendizagem Cooperativa, Jogos Cooperativos e Investigação Apreciativa.</p>	<p>→ Inclua e valorize todos os “pedidos”, sem julgamento de certo e errado, bom e mau, mesmo aqueles que parecem “não ter nada a ver”.</p> <p>→ Tão importante como os “pedidos” em si, é valorizar a pessoa que faz o pedido. É ela que está pedindo para ser reconhecida e atendida.</p>

<sup>18</sup> Neste ensaio não foi possível detalhar a experiência das **4 Pequenas Virtudes**. Portanto, é recomendável buscar ajuda, se preciso for, no registro de suas experiências com a Pedagogia da Cooperação, particularmente, nos módulos de Pedagogia da Cooperação I e II da Pós-graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas – UNIBR.



<b>Compartilhar IN-QUIETA-AÇÕES (Compartilhar)</b>	<p>Compartilhar perguntas, dúvidas, inquietações e incertezas sobre o tema/foco do encontro.</p> <p><b>Pergunta inspirada:</b> O que queremos descobrir juntos?</p>	<p>Provocativas, instigadoras e que despertem a curiosidade e a habilidade de fazer e receber perguntas sem preocupação com as respostas.</p> <p><b>Metodologias Colaborativas indicadas:</b> Aprendizagem Cooperativa, Jogos Cooperativos e Diálogo.</p>	<p>→ Manter o foco na produção de perguntas, sem preocupação alguma com respostas, nem com a seleção de “boas” perguntas.</p> <p>→ Cada pergunta é como se fosse um cristal refletindo todas as demais. Cada pergunta inclui todas as outras. É como um “fio de meada” onde puxando-se uma todas as demais vêm juntas.</p>
<b>Fortalecer ALIANÇAS &amp; PARCERIAS (Confiar)</b>	<p>Exercitar habilidades de com-vivência (autonomia, parceria, respeito mútuo, confiança, empatia, inclusividade, etc) para restaurar e/ou fortalecer as relações de parceria e cooperação no grupo.</p> <p><b>Pergunta inspirada:</b> O que nos fortalece e nos torna <i>como-um</i>?! </p>	<p>Desafiadoras, intensas e impossíveis de realizar individualmente.</p> <p><b>Metodologias Colaborativas indicadas:</b> Jogos Cooperativos, Danças Circulares, Comunicação Não-Violenta, Práticas Meditativas, Transformação de Conflitos e Atividades dos Povos Tradicionais.</p>	<p>→ Inclua atividades cooperativas que estimulem o aperfeiçoamento das Habilidades de Relacionamento Colaborativo.</p> <p>→ Buscar inspiração nas “in-quietações compartilhadas pelo grupo, por exemplo: Diante de In-quietações sobre “como podemos confiar mais no colega que trabalha comigo? propor a “ponte de cordas” que é um jogo focado na confiança.</p>
<b>Reunir SOLUÇÕES COMO-UNS (Cocriar)</b>	<p>Fazer a colheita de todas as ideias, sugestões, dicas, comentários, insights e respostas para as perguntas produzidas na 3ª Prática (In-quieta-Ações).</p> <p><b>Pergunta inspirada:</b> O que sabemos juntos que não sabemos sozinhos?</p>	<p>Que promovam a troca de ideias e a circulação dos participantes pelas várias “In-quieta-Ações”, criando um ambiente de inovação e colaboração para reunir o que há de melhor em cada um para chegar ao melhor da comum-idade.</p> <p><b>Metodologias Colaborativas indicadas:</b> World café, Investigação Apreciativa e Diálogo.</p>	<p>→ Mantenha um ambiente de livre circulação de ideias, dinâmico, divertido, produtivo e sem julgamentos.</p> <p>→ Estimule que o melhor de cada um seja compartilhado. Quanto mais do melhor de cada um para todo mundo, melhor!</p>
<b>Realizar PROJETOS DE COOPERAÇÃO (Cultivar)</b>	<p>Transferir para o dia-a-dia a realização das Soluções Comuns encontradas, por meio da prática de pequenas, simples e poderosas atitudes e comportamentos colaborativos.</p> <p><b>Pergunta inspirada:</b> Como realizar as soluções encontradas?</p>	<p>Criação e realização de projetos que favoreçam a prática da cooperação a partir de si mesmo.</p> <p><b>Metodologias Colaborativas indicadas:</b> Open Space, Dragon Dreaming, Canvas e Diálogo.</p>	<p>→ Ajude o grupo a escolher próximos passos bem simples e possíveis. Algo que eles possam praticar no dia-a-dia sem grandes esforços ou muitos recursos.</p> <p>→ Por exemplo:</p> <p>→ Passar a cumprimentar as pessoas olhando nos olhos delas; recolher algum objeto deixado no chão, mesmo que não seja seu; oferecer ajuda; etc.</p>



<p><b>Celebrar o VENSER (Celebrar)</b></p>	<p>Reconhecer a cada passo da caminhada as aprendizagens pessoais e coletivas conseguidas. Celebrar o exercício do VenSer quem se é para poder SerVir melhor ao mundo.</p> <p><b>Pergunta inspirada:</b> Quem <i>Eu Sou</i> mais plenamente agora e qdo sirvo mais inteiramente ao outro?</p>	<p>Atividades facilitadoras da tomada de consciência de si e da Comunidade. Simples, reflexivas e celebrativas.</p> <p><b>Metodologias Colaborativas indicadas:</b> Praticas Meditativas, Investigação Apreciativa, Aprendizagem Cooperativa, Jogos Cooperativos e Danças Circulares. Usar a matriz DIVER!</p>	<p>→ Crie condições favoráveis para a autorreflexão focando a expressão do VenSer. → Incentive a celebração de cada pequeno gesto de autenticidade, colaboração e espontaneidade. → Convide cada pessoa para reconhecer comportamentos que cultivem o VenSer para SerVir.</p>
----------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 5 – As 7 Práticas da Pedagogia da Cooperação.

Sendo um conjunto de *Práticas* Colaborativas, é valioso lembrar que há entre elas uma sinergia dinâmica (Fig. 6), implicando numa utilização flexível e caórdica de acordo com a sua percepção sobre as condições do grupo e do momento.

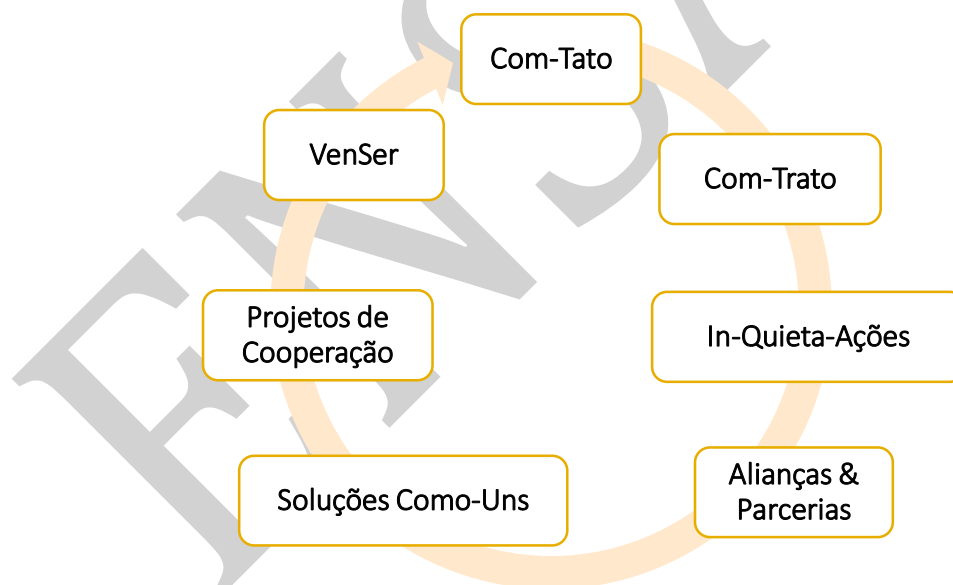


Figura 6 – Visão Circular e Espiralada das 7 Práticas da Pedagogia da Cooperação.

Por exemplo, se na sua percepção o grupo está precisando trabalhar mais o *Espírito de Equipe* e algumas *Habilidades de Relacionamento* (confiança, respeito mútuo, tolerância, empatia, etc.), é recomendável dar mais atenção a experiências assentadas na 4ª Prática - *Fortalecer Alianças & Parcerias*. Ou então, se você percebe que as pessoas estão confusas demais sobre o que querem



fazer juntas ou a respeito do motivo pelo qual se reuniram ali, porque não partir para a *3ª Prática - Compartilhar In-Quieta-Ações*, antes mesmo de “Estabelecer o Com-Trato”?

Vale destacar que a abordagem proposta pela Pedagogia da Cooperação pode ser uma solução complementar às outras abordagens utilizadas e está sendo aqui apresentada como mais um recurso didático-pedagógico podendo ser utilizada parcial ou integralmente de acordo com o seu discernimento e criatividade.

## 6. Foi *DIVER* pra você?!

O que, como e quando observar os efeitos da aplicação da Pedagogia da Cooperação e sua contribuição para a produtividade e felicidade geral da *Comum-Unidade*?

Esta pergunta inspiradora denota a relevância do acompanhamento e da avaliação, por meio de indicadores específicos que, para além de indicadores para as questões cognitivas, possa-se enfatizar indicadores não-cognitivos ao mesmo tempo tão relevantes quanto, para demonstrar a efetividade da abordagem quando realizada em diferentes contextos.

### 6.1 Pensando e propondo Indicadores.

Com a finalidade de favorecer o acompanhamento, avaliação e contemplação dos efeitos-e-afetos resultantes da aplicação da Pedagogia da Cooperação, lembramos Velázquez (2004, p.46) que recomenda ser de grande ajuda a elaboração coletiva e consensual de um conjunto de indicadores orientados à valorização dos objetivos propostos pelo grupo focalizado em alinhamento com os propósitos da Pedagogia da Cooperação. Por uma questão de eficácia, é conveniente que estes indicadores sejam:

- **Poucos (em pouca quantidade)** e centrados nos objetivos prioritários.
- **Relevantes**, voltados para os aspectos-chave, tais como: autonomia, cooperação e bem comum.
- **Compreensivos**, que abarquem várias dimensões pessoais e coletivas.
- **Claros**, evitando cair na generalidade ou numa terminologia ambígua.
- **Cooperativos**, que permitam recolher facilmente a informação útil para avaliar o processo.



José Luis Fabián Maroto (1995, in Velásquez, 2004, p.47) propõe uma serie de “*temas geradores de indicadores*”, ou seja, *núcleos a partir dos quais se podem deduzir um conjunto de indicadores válidos*. Dentre os temas propostos pelo autor, destacamos os seguintes, já contendo algumas adaptações, como relevantes para avaliar e contemplar os resultados no âmbito desta Pedagogia da Cooperação:

- **Enfrentamento dos conflitos:** da violência à sua regulamentação pacífica.
- **Respeito e valorização das diferenças.** Condutas de tolerância, aceitação e não discriminação da diversidade.
- **Melhora das relações** pessoais, atitudes e comportamentos.
- **Autonomia e responsabilidade** para tomar decisões e suas consequências.
- **Mudanças nos ambientes e atividades,** geralmente, competitivas e excludentes, para ambientes e atividades colaborativos e inclusivos.
- **Ocupação e acesso aos espaços.** Utilização de espaços e materiais sem privilégios ou discriminações.
- **Respeito aos bens coletivos** (recursos, conhecimentos, cultura do grupo, etc.).
- **Participação voluntária** nas atividades realizadas.
- **Processo de elaboração e negociação das normas de convivência** (*Com-Trato*). Implicação dos participantes na elaboração dos combinados e regras. Análise dos valores que subsistem às normas vigentes.
- **Capacidade para intervir e trabalhar em grupo,** respeitando e integrando as opiniões dos demais.
- **Tolerância, respeito e interesse** por conhecer outras culturas e formas de vida.
- **Materiais didáticos apropriados** (não sexistas, não etnocêntricos, não estereotipados, não alheios à experiência dos participantes).



Estas referências inspiram e fundamentam a formulação de um conjunto de *Indicadores de Cooperatividade* para ajudar observar e acompanhar os resultados obtidos pela aplicação da Pedagogia da Cooperação nos respectivos grupos envolvidos por ela.

Quando, em 2010, Roberto Martini e eu, realizamos o primeiro *Laboratório de Pedagogia da Cooperação* (LabPedCoop), esse conjunto de indicadores foi batizado de **DIVER** – *Indicadores de Cooperatividade*, em homenagem a Clarissa Muller, nossa mais jovem e promissora participante, que brincando, trouxe a inspiração da palavra *Diver*, a partir da qual, desenvolvemos este conjunto de indicadores.

Essa matriz é composta por 4 *Indicadores* por meio dos quais podemos observar a manifestação (ou não) da Cooperação no *inteiro-ambiente*. Vejamos juntos quais são eles:

- 1º Indicador - **DIVERdade**: Se a experiência é vivida com **Desapego**.
- 2º Indicador - **DIVERTido**: Se a experiência é vivida com **Integridade**.
- 3º Indicador - **DI-VER-gente**: Se a experiência é vivida com **Plena Atenção**.
- 4º Indicador - **“DIVER”**<sup>19</sup>: Se a experiência é vivida com **Abertura para Compartilhar**.

Então, fica a pergunta: Foi DIVER para você?!!!

### 3.2. Colocando o **DIVER** em ação!

Temos utilizado o **DIVER** de um modo bem flexível, dinâmico e adaptável a cada grupo, situação e contexto encontrado. Abaixo (Fig. 7), compartilhamos um exemplo de *Matriz do Potencial de Cooperação* que utilizamos com diferentes grupos com os quais atuamos via Projeto Cooperação.

O conteúdo dos *Indicadores*, bem como, a *Escala de Contemplação*, podem ser adaptados de acordo com o contexto e parâmetros a serem observados e contemplados. Apenas é importante

---

<sup>19</sup> Entre nós no Projeto Cooperação, brincamos que é preciso ter um indicador em inglês para poder inspirar a Pedagogia da Cooperação no mundo. Assim, o 4º indicador do DIVER é o “Diver” que adaptado do inglês, sugere um mergulho na cooperação, uma “experiência profunda”, pessoal e coletiva.



salvaguardar a coerência com o sentido e significado de cada um dos *Indicadores DIVER* conforme apresentados anteriormente.

<b>DIVER - Indicadores de Cooperatividade</b>	<b>Escala de Contemplação</b>		
<b>Indicador 1: DIVERdade</b>	Não ocorreu (1)	Ocorreu às vezes (3)	Ocorreu muitas vezes (5)
1. Os participantes compartilharam experiências pessoais sem receio de se expor.			X
2. Empatia, compaixão, acolhimento e cumplicidade foram atitudes demonstradas pela maioria dos participantes.	X		
3. Emoções como tristeza, angustia, medo, raiva e até ódio puderam se manifestar e foram verdadeiramente aceitas.			X
<b>Somatório Máximo Possível: 15</b>	<b>1</b>	<b>0</b>	<b>10</b>
	<b>11</b>		
<b>Indicador 2: DIVERtido</b>	Não ocorreu (1)	Ocorreu às vezes (3)	Ocorreu muitas vezes (5)
4. O riso e a espontaneidade estiveram presentes, mesmo em momentos desafiadores.			X
5. Houve uma sensação de leveza e descontração no ambiente.			X
6. Uma atmosfera de contentamento e tranquilidade marcou o encontro.		X	
<b>Somatório Máximo Possível: 15</b>	<b>0</b>	<b>3</b>	<b>10</b>
	<b>13</b>		
<b>Indicador 3: DI-VER-Gente</b>	Não ocorreu (1)	Ocorreu às vezes (3)	Ocorreu muitas vezes (5)
7. Pessoas de diferentes características realizaram atividades conjuntas e sem discriminação.	X		
8. Surgiram novas aprendizagens e insights a partir de visões, atitudes e comportamentos divergentes.		X	
9. A não participação de um (ou mais) participante em eventuais atividades e/ou momentos, foi respeitada e honrada pelo grupo.			X
	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>5</b>





Somatório Máximo Possível: 15	9		
Indicador 4: "DIVER"	Não ocorreu (1)	Ocorreu às vezes (3)	Ocorreu muitas vezes (5)
10. O Grupo e a Focalização colaboraram no desenvolvimento das atividades, sugerindo ideias para a sua melhoria.		X	
11. Em diferentes momentos existiram partilhas genuínas, tocantes e profundas que permitiram elevar o nível de cumplicidade no grupo.			X
12. O Grupo e cada participante assumiu responsabilidade pelo sucesso do encontro e pela implementação das aprendizagens no cotidiano.	X		
Somatório Máximo Possível: 15	1	3	5
	9		
SOMATÓRIO GERAL MÁXIMO POSSÍVEL: 60	3	9	30
	42		

Fig. 7 – DIVER - Matriz de Avaliação do Potencial de Cooperação - exemplo.

Considerando o exemplo aqui apresentado, pode-se notar no somatório geral alcançado (42 pontos) que o DIVER (*Potencial de Cooperação*) resultante é de 77% do total de 60 pontos máximo possível. Este dado indica uma muito boa utilização do Potencial de Cooperação existente no grupo e sugere a adoção de práticas regulares que mantenham e aumentem a frequência de atitudes e comportamentos cooperativos no grupo.

Também é possível extrair informações relacionadas ao *Potencial de Cooperação* praticado especificamente em cada um dos quatro diferentes blocos de *Indicadores DIVER*. Por exemplo, nos Indicadores 3 (*DI-VER-gente*) e 4 (*DIVERdade*), os resultados obtidos (60% em ambos) sugerem uma atenção especial aos comportamentos relacionados a esses dois Indicadores.

Vale destacar que este pensar propositivo sobre os *Indicadores de Cooperatividade - DIVER* e suas estratégias de acompanhamento e observação, é uma provocação inicial para a exploração mais aprofundada e sensível de instrumentos colaborativos adequados à contemplação dos efeitos-e-afetos gerados pela Pedagogia da Cooperação e seus impactos no cotidiano pessoal e profissional.

Fica aqui o convite e a disposição permanente para o *aprender a fazer juntos!*



## 6. TERMINAR JUNTOS – Considerações Essenciais.

Um dos *Procedimentos* da Pedagogia da Cooperação é “*começar e terminar juntos*”. Isto pode ajudar a manter viva a chama da Cooperação e o sentido de *Comum-Unidade* em qualquer grupo, pois a sensação experimentada é de que *aconteça o que acontecer* durante o “jogo”, nós continuaremos juntos, como um só time.

Pois bem, depois do *começar juntos*, aqui estamos nós. Na reta final deste ensaio, que tratou de um conjunto de conhecimentos e experiências sobre o como ajudar a promover a Cultura da Cooperação e o desenvolvimento de *Comum-Unidades Colaborativas*.

Demos especial atenção a uma série de *Princípios, Processos, Procedimentos e Práticas* da Pedagogia da Cooperação, enfatizando orientações essenciais para a utilização e focalização de *Atividades e Metodologias Cooperativas*. Mais do que um conjunto de atividades e soluções, procuramos compartilhar um jeito de viver as relações humanas baseado no cuidado, legitimação uns dos outros e cooperação. Este “novo jeito” inspira as pessoas a cultivar relações pacíficas e colaborativas (Fig. 8) visando a sustentabilidade em todos os níveis da *Comum-Unidade*: econômica, ambiental, social e pessoal.

CULTURA TRADICIONAL (Paz negativa)	CULTURA DE PAZ (Paz positiva)
A paz define-se como ausência de guerras e de violência direta.	A paz define-se como ausência de todo tipo de violência (direta e estrutural) e como presença de justiça social e das condições necessárias para que exista.
A paz limita-se às relações nacionais e internacionais e sua manutenção depende unicamente dos Estados.	A paz abrange todos os âmbitos da vida, incluídos o pessoal e o interpessoal e é, portanto, responsabilidade de todos e de cada um de nós.
A paz é um fim, uma meta a que se tende e que nunca se alcança plenamente.	A paz é um processo contínuo e permanente: “ <i>Não há caminho para a paz, a paz é o caminho</i> ” (Mahatma Gandhi).
O fim justifica os meios. É, portanto, justificável o uso da violência para alcançar e garantir a paz.	Ao considerar a paz como um processo contínuo e não como um fim, não é justificável o uso de meios que não sejam coerentes com o que se persegue. A violência não é, portanto, justificável em nenhum caso.
A paz é um ideal utópico e inalcançável, carente de significação própria e derivado de fatores externos a ela.	A paz converte-se num processo contínuo e acessível em que a cooperação, o mútuo entendimento e a confiança



	em todos os níveis assentam as bases das relações interpessoais e intergrupais.
O conflito é visto como algo negativo.	O conflito é independente das consequências derivadas de sua regulação. O negativo não é o conflito se não recorrer à violência para regulá-lo.
É preciso evitar os conflitos.	O conflito é necessário. É preciso manifestar os conflitos latentes e regulá-los, sem recorrer à violência.

Figura 8 - Cultura Tradicional e Cultura de Paz (Velásquez, 2004 p.28)

Dar uma chance às relações humanas é acreditar que cada pessoa é importante, reconhecendo que somos partes de um mesmo todo, como se fôssemos jogadores de um mesmo e único Time chamado Humanidade, onde podemos passar a realizar mais jogadas solidárias e menos solitárias; conviver mais lances de cumplicidade, ao invés de *re-lances* de egoísmo e separatividade.

No jogo da vida não há seleção dos melhores, cada pessoa é essencial. Não há primeiro nem último lugar, há um lugar *Como-Um*. Não há vencedores nem perdedores, ou todo (o) mundo ganha ou todo (o) mundo perde. Não há adversários, somos todos parceiros de uma mesma jornada. Não há troféus, nem medalhas, já ganhamos tudo o que precisávamos ter... agora, estamos e somos livres para *VenSer* mais plenamente para poder *SerVir* mais completamente ao bem comum.

**Lembre-se:** tudo isto é só para lembrar que tudo isso que já sabemos... é hora de praticar mais disso!

## **SIGAMOS EM COM-TATO**

Fábio Otuzi Brotto  
Projeto Cooperação Comunidade de Serviço.  
[www.projetooperacao.com.br](http://www.projetooperacao.com.br)  
[fabibrotto@projetooperacao.com.br](mailto:fabibrotto@projetooperacao.com.br)  
(11) 9 5805.0016

## **7. BIBLIOGRAFIA e leituras sugeridas.**

ARIMATÉA, Denise Jayme e BROTTTO, Fábio Otuzi. - **Pedagogia da cooperação**. Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013. 66 p. – (Cadernos de referência de esporte; 12).

BROTTTO, Fábio Otuzi. - **Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar**. São Paulo: Cepeusp, 1995/ Santos: Projeto Cooperação, 1997.

\_\_\_\_\_. **Jogos Cooperativos: O Jogo e o Esporte como um Exercício de Convivência**. Santos : Projeto Cooperação, 2001.



- BROWN, Guillermo. - **Jogos cooperativos**: teoria e prática. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- CARSE, James P. - **Jogos Finito e Infinitos**: a vida como jogo e possibilidades. Rio de Janeiro : Nova Era, 2003.
- COMBS, Alan (org). - **Cooperation**: beyond the age of Competition. Philadelphia : Gordon and Breach Science, 1992. (The World futures general evolution studies; v.4).
- DELORS, Jacques (org) – Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Cortez : São Paulo / Unesco no Brasil : Brasília, 1998. (p.101)
- FROMM, Erich. - **Anatomia da destrutividade humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- GARDNER, Howard. **As estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre : Artes Médicas, 1994.
- HENDERSON, Hazel. - **Construindo um mundo onde todos ganhem**: a vida depois da guerra da economia global. São Paulo: Cultrix, 1996.
- JOHNSON, David W., JOHNSON, Roger T. - **Cooperation and competition**: theory and research. 2<sup>nd</sup> ed. Edina: Interaction Book Company, 1989.
- KAGAN, Spencer. - **Cooperative learning**. San Juan Capistrano: Kagan Cooperative Learning, 1994.
- KOHN, Alfie. - **No contest**: the case against competition. New York: Houghton Mifflin, 1986.
- MARIOTTI, Humberto – **As paixões do Ego: complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Palas Athena, 2000.
- MATURANA, Humberto R. e VERDEN-ZÖLLER, Gerda - **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo : Palas Athena, 2004.
- MEAD, Margaret. - **Cooperation and competition among primitive people**. Boston : Beacon, 1961.
- ORLICK, Terry. - **The cooperative sports & games book**: challenge without competition. New York: Pantheon Books, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.
- RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SOME, Malidona, apud WHEATLEY, M. e KELLNER-ROGERS, M. - O Paradoxo e a promessa de comunidade IN Hesselbein, F. et al. - **A Comunidade do Futuro**: idéias para uma nova comunidade. São Paulo : Futura, 1998.
- TÁVOLA, Artur. **Comunicação é mito**: televisão em leitura crítica. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.
- VELÁZQUEZ, Carlos – **Educação para a Paz**: Desenvolvendo valores na escola através da Educação Física para a Paz e dos Jogos Cooperativos. Santos : Projeto Cooperação, 2004.
- WINSTON, Robert – **Instinto Humano**: como nossos impulsos primitivos moldaram o que somos hoje. São Paulo : Globo, 2006.
- WEIL, Pierre. - **A neurose do paraíso perdido**. São Paulo: Espaço e Tempo: Cepa, 1987.
- WHEATLEY, M. e KELLNER-ROGERS, M. - O Paradoxo e a promessa de comunidade IN Hesselbein, F. et al. - **A**



**Comunidade do Futuro:** ideias para uma nova comunidade. São Paulo Futura, 1998.

## 8. SITES – Metodologias Colaborativas.

### DANÇAS CIRCULARES SAGRADAS

- Triom - Centro de Estudos [www.triom.com.br](http://www.triom.com.br)
- Omtare – Danças Circulares e Sagradas [www.omtare.com.br/quemsomos.aspx](http://www.omtare.com.br/quemsomos.aspx)

### WORLD CAFÉ

- Rede World Café [www.theworldcafe.com](http://www.theworldcafe.com)

### OPEN SPACE

- Rede Open Space [www.openspaceworld.org](http://www.openspaceworld.org)

### CHANGE LAB

- Rede Change Lab [www.changelabs.net](http://www.changelabs.net)

### COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

- Rede C.N.V. [comunicacaonaoviolenta.blogspot.com](http://comunicacaonaoviolenta.blogspot.com)
- The Center of Nonviolent Communication [www.cnvc.org/](http://www.cnvc.org/)

### DIÁLOGO

- Escola de Diálogo [www.escoladedialogo.com.br](http://www.escoladedialogo.com.br)

### INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA

- Rede da Investigação Apreciativa [www.appreciativeinquiry.net.au](http://www.appreciativeinquiry.net.au)

### JOGOS COOPERATIVOS

- Projeto Cooperação – Comunidade de Serviço [www.projetooperacao.com.br](http://www.projetooperacao.com.br)
- Comunidade de Jogos Cooperativos [www.jogoscooperativos.net](http://www.jogoscooperativos.net)
- Teia Cooperativa [www.teiacooperativa.com.br](http://www.teiacooperativa.com.br)

### ART OF HOSTING



- Rede internacional da Art of Hosting [www.artofhosting.org/](http://www.artofhosting.org/)
- Art of Hosting Brasil [artofhostingbrasil.blogspot.com.br/2008/10/art-of-hosting-brasil-2008-arte-de.html](http://artofhostingbrasil.blogspot.com.br/2008/10/art-of-hosting-brasil-2008-arte-de.html)

#### DRAGON DREAMING

- Dragon Dreams [www.dragondreams.ca/Welcome.html](http://www.dragondreams.ca/Welcome.html)
- Dragon Dreaming Brasil [dragondreamingbrasil.blogspot.com.br/](http://dragondreamingbrasil.blogspot.com.br/)

#### APRENDIZAGEM COOPERATIVA – COOPERATIVE LEARNING

- Spencer Kagan [www.kaganonline.com/about\\_us.php](http://www.kaganonline.com/about_us.php)
- Cooperative Learning Institute [www.co-operation.org/](http://www.co-operation.org/)

#### OÁSIS

- Instituto Elos [www.institutoelos.org/jogo-oasis/](http://www.institutoelos.org/jogo-oasis/)

ENSALIO